

SOCIABILIDADE EM CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA

Sociability in housing sets of the Minha Casa Minha Vida program

Sociabilidad em conjuntos de vivienda del programa Minha Casa Minha Vida

Andreia Ferreira Lima

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
deialima156@gmail.com

Anete Marília Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
anete.pereira@unimontes.br

Resumo

O programa habitacional Minha Casa, Minha Vida tem alcançado significativa parcela da população de baixa renda, contribuindo para que milhões de pessoas conquistem o sonho da casa própria. Entretanto, a ação do capital engendrada ao longo da execução do programa faz com que importantes prerrogativas das políticas habitacionais não sejam cumpridas, desencadeando assim uma série de problemas que afetam a sociabilidade nesses espaços. Partindo dessa premissa, esse artigo tem por objetivo principal analisar as relações de convivência e a construção de vínculos no Conjunto Habitacional Nova Suíça, na cidade de Montes Claros (MG). Para tanto, procedeu-se à investigação bibliográfica sobre o tema e um estudo empírico no Conjunto Habitacional Nova Suíça, por meio da realização de entrevistas com moradores. Os resultados da pesquisa revelaram que o deslocamento de pessoas de baixa renda para um conjunto habitacional distante dos bairros onde elas moravam além de contribuir para a produção de uma cidade periférica, provoca uma ruptura nos vínculos sociais sedimentados no antigo endereço, bem como dificuldades para a formação de novos vínculos no novo local decorrentes, principalmente, da ausência de espaços com equipamentos públicos e infraestrutura.

Palavras-chave: Sociabilidade; conjunto habitacional; Montes Claros

Abstract

The housing program Minha Casa, Minha Vida has reached a significant portion of the low income population. That helps millions of people to achieve their dream of having the own house. However, the capital action generated throughout the program execution, it makes that important prerogatives of housing policies have not been accomplished, triggering a number of problems affecting the sociability in this place. Based on this premise, the present study has as its main objective to analyze the relationships and building connections on Nova Suíça housing estate in Montes Claros (MG) city. For this purpose, a bibliographic research on the subject was performed and an empirical study in

Nova Suíça housing estate by holding a interview with residents. The results of the research revealed that the displacement of low-income people to a housing estate far from the neighborhood where they lived, besides contributing to production of outlying towns, it causes a break in social links sedimented in the previous address, as well as difficult for forming new bonds at the new place, resulting mostly from the absence of public spaces with public facilities and infrastructure.

Keywords: Sociability; housing; Montes Claros.

Resumen: El programa de vivienda Minha Casa, Minha Vida, ha llegado a una porción significativa de la población de bajos ingresos, ayudando a millones de personas a lograr su sueño de ser propietarios de una vivienda. Sin embargo, la acción del capital engendrado durante la ejecución del programa significa que no se cumplen importantes prerrogativas de las políticas de vivienda, lo que desencadena una serie de problemas que afectan la sociabilidad en estos espacios. En base a esta premisa, el objetivo principal de este artículo es analizar las relaciones de convivencia y la construcción de vínculos en el Complejo de Viviendas Nova Suíça, en la ciudad de Montes Claros (MG). Para ello, se realizó una investigación bibliográfica sobre el tema y un estudio empírico en el Complejo de Viviendas Nova Suica, a través de entrevistas con residentes. Los resultados de la investigación revelaron que el desplazamiento de personas de bajos ingresos a un complejo de viviendas lejos de los barrios donde vivían, además de contribuir a la producción de una ciudad periférica, provoca una ruptura en los lazos sociales establecidos en el antiguo domicilio, así como dificultades para formación de nuevos enlaces en la nueva ubicación, principalmente debido a la ausencia de espacios con equipamiento público e infraestructura.

Palabras llave: Sociabilidad; Conjunto habitacional; Montes Claros

Introdução

O programa Minha Casa Minha Vida, idealizado e implantado pelo Governo Federal em 2009, surgiu com o objetivo de ofertar condições viáveis para que famílias de baixa renda consigam conquistar a casa própria. Dados do Ministério das Cidades registrou, em 2016, cerca de 2,6 milhões de moradias construídas e entregues em todo o Brasil (BRASIL, 2016). Não se pode negar a importância desse avanço, milhões de pessoas conseguiram conquistar a tão sonhada casa própria. Contudo, paralelamente e a partir dessa conquista, foram surgindo outras contingências. As pesquisas demonstram que as habitações referentes à faixa 1 são construídas em áreas periféricas e, na maioria das vezes, bem distantes do local de origem da família. Soma-se a isso, a infraestrutura das casas e dos espaços públicos que muitas vezes não atendem às necessidades dos moradores.

Nesse contexto, muito se discute sobre as diversas problemáticas envolvidas nos deslocamentos que as famílias acabam enfrentando, quais sejam, a sua saída do bairro de origem, o que consubstancia na ruptura dos vínculos sociais já sedimentados nesse local anterior. Muitos convivem com a distância de demais familiares e de amigos, e do bairro onde viveram e cresceram, tendo que reconstruir laços de vizinhança, de solidariedade e de amizade. E é especificamente sobre esse aspecto a que estão sujeitos os moradores de conjunto habitacional Nova Suíça que se propõe aqui a discutir. Trata-se de um conjunto habitacional, com moradores classificados na faixa de renda 1, implantado desde 2011, já dispõe de um recorte de tempo favorável para análise do que se propõe, ou seja, verificar se durante esse tempo ocorreu a construção de vínculos e como esses laços ou a falta deles interferem na vida dos moradores. O objetivo geral centra-se em analisar as relações de convivência e a construção de vínculos nesses locais.

No que concerne à metodologia, inicialmente procedeu-se a investigação sistematizada da bibliografia existente sobre o tema, bem como documentos, leis, decretos pertinentes a elucidação da pesquisa. Posteriormente, foi feito o estudo de caso por meio da realização de entrevista, um roteiro prévio com vistas a uma formulação flexível das questões. Para realização da entrevista levou-se em consideração a distribuição espacial das casas no Conjunto Habitacional Nova Suíça. A pesquisa contemplou casas em todas as ruas: Alemanha, Inglaterra, Europa, Itália, França, Espanha, Bélgica, Portugal, Groelândia e Alameda A. Em cada rua foi escolhido intercaladamente e em ziguezague as residências, totalizando 98 (noventa e oito) moradias, o que corresponde a uma média de 10% das casas. Para as entrevistas, foram selecionados os moradores que receberam a casa pelo sorteio e que residem no bairro até hoje. De forma complementar e concomitante à realização da entrevista foi feita a observação dos espaços em que estão inseridos os entrevistados, casas, praças, vizinhança, escolas, etc., bem como a relação entre os indivíduos e suas dinâmicas de convívio.

O artigo está estruturado em duas partes, sendo que a primeira traz para a discussão a importância do espaço da moradia enquanto espaço de sociabilidade e de construção de vínculos. Na segunda parte apresenta informações sistematizadas concernentes às sociabilidades presentes no bairro de origem dos moradores do Conjunto Habitacional Nova Suíça, bem como no endereço atual, de maneira a perceber a formação de vínculos.

Sociabilidade: revisitando o tema

Na visão sociológica, o espaço urbano com todas as suas nuances e diversidades constitui-se como o lugar da construção e reconstrução ininterruptos. E sendo um produto do qual a sociedade atua como agente transformador ao mesmo tempo em que é transformada acaba por abarcar diversas relações dinâmicas que podem ser agregadoras ou desagregadoras. A esse respeito, Lefebvre (2006, p 50) compreende que o espaço está imbricado à existência humana, já que estes estão vinculados ao meio em que vivem desde o nascimento: “o espaço (social) é um produto (social)”.

Assim, as alterações que são implementadas no âmbito socioeconômico criam uma nova relação de hierarquia e os espaços físicos e o cotidiano local se veem modificados, alterando os fluxos, construindo e reconstruindo novas realidades na cotidianidade. No entanto, essas mudanças empreendidas dificilmente ocorrem sem que haja conflitos ou prejuízos para uma das partes, gerando, portanto, os embates socioespaciais. Toda essa motricidade urbana interfere diretamente nas relações que fomentam as interações humanas, o que comumente se chama de sociabilidade.

A sociabilidade é uma dimensão própria do ser humano em todas as culturas e se expressa na necessidade da convivência, de estar em comunidade. São as inter-relações cotidianas construídas entre os indivíduos que juntos interagem nas atividades do dia a dia, levando ao surgimento de novos fluxos, relações que passam à categoria de resíduos, remanescentes de estruturas socioeconômicas nas atividades do lazer, ou de outras práticas sociais, proporcionando identificação e comunhão.

Os estudos sobre sociabilidade não são recentes. Muitos teóricos já exploraram o tema estendendo-o e relacionando-o a sua área específica como a história, psicologia, sociologia, antropologia, dentre outras, a fim de compreender a interferência da sociabilidade nos fatos da vida social. Maurice Agulhon (1968), na década de 1970 associa o estudo da história ao tema da sociabilidade a partir de estudos de diferentes períodos da história antiga. Ele define a sociabilidade como a qualidade que os indivíduos possuem em ser sociáveis, é a condição que possibilita que os indivíduos se reúnam em grupos, seja de forma natural ou de maneira intencional e a partir daí estabeleçam relações de união ou até mesmo de confronto uns com os outros.

Com as transformações ocorridas no período pós-Revolução Industrial, vários sociólogos intensificam o estudo nessa área a fim de compreender as repercussões de tais

mudanças nos modos de se relacionar da sociedade. Durkheim (1999) abordou a sociabilidade na sua categoria central de pesquisa que é o trabalho, apontando a relação de vínculo construída entre os indivíduos na especialização do trabalho gerado pela industrialização. Granovetter (1973) trata da sociabilidade concebendo-a como “redes sociais” que podem ser constituídas de laços fracos e fortes. Os laços fortes envolvem redes de relações interpessoais que precisam de tempo de conhecimento, investimento emocional, confidencialidade mútua e reciprocidade para se estabelecer o vínculo. (GRANOVETTER, 1973).

Também Anthony Giddens (1991) relaciona a sociabilidade às condições de espaço e tempo produzidas a partir da modernidade. Para ele, “as circunstâncias do lugar produziriam diferentes contextos de confiança, a depender dos níveis de distanciamento tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p.22).

Com os estudos de Georg Simmel (2006) no âmbito da escola de Chicago, o estudo da sociabilidade (“sociação” por ele alcunhado) adquire contornos mais empíricos e específicos ganhando maior destaque. Sua abordagem foi crucial para o desenvolvimento da chamada microssociologia, estudo da natureza das relações sociais diretas entre os indivíduos. Na sua percepção, a sociedade representa muito mais do que os indivíduos. Ela é uma unidade objetiva expressa nas relações recíprocas entre os elementos humanos que a integram.

Socialização é a forma que se realiza de inúmeras maneiras diferentes, graças às quais os indivíduos, em virtudes de interesses - sensíveis ou ideias, momentâneos ou duráveis, conscientes ou inconscientes, agindo causalmente ou estimulados teleologicamente - se soldam em uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p.122).

Na definição de Castel (1994), essa rede de sociabilidade pode se manifestar em duas ordens a depender do grau de aproximação a que as interações do dia a dia estão sujeitas, podendo ser primárias ou secundárias. A sociabilidade primária, Castel (1994, p. 48) a define como um “sistema de regras que ligam diretamente os membros de um grupo a partir de seu pertencimento familiar, da vizinhança etc. que tecem redes de interdependência sem a mediação de instituições específicas”. Essa relação se forma em torno das pessoas mais próximas quais sejam os vínculos familiares, de amizade e de vizinhança. Mas as relações humanas não estão restritas apenas ao contato local e familiar,

daí a sociabilidade secundária, quando há o contato com os espaços de convívio externos à casa, sejam os bares, praças, parques, igrejas, associações.

Sobre essa dualidade do espaço da socialização, também Magnani (2002) corrobora essa perspectiva a partir de dados empíricos de um trabalho etnográfico:

Tomando como ponto de partida o espaço onde eram praticadas, foi possível distinguir um sistema de oposições cujos primeiros termos são “em casa” versus “fora de casa”. No primeiro deles, “em casa”, estavam aquelas formas de lazer associadas a ritos que celebram as mudanças significativas no ciclo vital e tinham como referência a família, ou seja, festas de batizado, aniversário, casamento etc. O segundo termo da oposição, “fora de casa”, subdividia-se, por sua vez, em “na vizinhança” e “fora da vizinhança”. O primeiro englobava locais de encontro e lazer – bares, lanchonetes, salões de baile, salões paroquiais e terreiros de candomblé ou umbanda, campos de futebol de várzea, o circo etc. – que se situavam nos limites da vizinhança. (MAGNANI, 2002, p. 21)

O autor define a sociabilidade “em casa” como sendo o espaço privado firmado nos laços familiares, e sociabilidade “fora de casa” como as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2002, p. 21).

Aqui interessa compreender os laços ditos mais próximos, os primários porque são a partir deles que a sociabilidade, presente nos espaços de convívio, representa um elemento unificador e fortalecedor de uma dada comunidade. É por meio desse convívio mais privado que se dá o encontro mais terno com o outro, construindo uma fonte de segurança em torno dos familiares e da vizinhança.

Como bem descreve Wellman (2001, p.7), esses laços construídos em um dado grupo, em função do contato que é mais frequente, acabam por proporcionar o fortalecimento dos vínculos. E até mesmo nas situações de conflito, os fluxos de informação gerados são essenciais na construção da sociabilidade, proporcionando um sistema de troca que favorece a dependência e a cooperação.

Vê-se, portanto, a importância que essa construção social de vínculos desempenha na vida daqueles que se inter-relacionam, já que funciona como um mecanismo de apoio moral, estimulando a confiança em si e ao mesmo tempo em seus semelhantes e sendo capaz de fortalecer e estimular o capital social de um dado grupo.

Não se pode deixar de mencionar que é a moradia o lugar central de onde as relações se congregam. É a partir desse ponto central a base em que vão se construindo essas redes de sociabilidade e de apego a um dado local. A partir desse centro, as redes vão se ramificando para os pontos mais próximos do espaço geográfico, a vizinhança.

Ocorre que a vida em contatos superficiais e transitórios entre os indivíduos impedem que os laços de afeto e de confiança se desenvolvam, prevalecendo entre eles um espírito de concorrência, engrandecimento e exploração mútua. O “contato físico estreito, aliado a grande distância social, acentua a reserva de indivíduos não ligados entre si e, a não ser que seja compensada por outras oportunidades de reação, dá origem à solidão” (WIRTH, 1967, p.101).

Assim, isolados de uma sociabilidade, o indivíduo passa a ter a sensação de fragmentação e desordem levando-o a individualidade e conseqüentemente ao aniquilamento do capital social possível entre grupos.

Do mesmo modo, no contexto da modernidade, não apenas a tecnologia e os meios de comunicação contribuem para que as relações de vínculos entre as pessoas se alterem e os indivíduos caminhem para a individualidade, mas também a dinâmica do mercado por meio da ação do capital se desenrola de modo a promover e potencializar essa individualidade. As estratégias no âmbito das políticas públicas habitacionais, em que a ordem do mercado impõe mudanças no espaço, reorganizando e ofertando moradias em locais distantes podem contribuir para a quebra de vínculos sociais e a dificuldade de formação de novos vínculos nesse novo espaço.

Nesse contexto, a organização socioespacial da cidade e sua dinâmica podem apresentar-se como um fator que influencia diretamente nas formas de sociabilidade que são estabelecidas. Isso porque alguns deslocamentos sociais ocasionados pela dinamicidade urbana são em si um movimento de segregação urbana capaz de provocar a destituição dos laços sociais e comunitários desencadeando sofrimento e insegurança frente ao novo local de moradia.

A experiência do Conjunto Habitacional Nova Suíça em Montes Claros

Com uma população de 344.479 habitantes (IBGE, 2010) a cidade de Montes Claros está localizada no norte de Minas Gerais, onde exerce forte centralidade regional. Hoje a cidade conta com um total de 4.851 habitações de interesse social construídas (tabela 01).

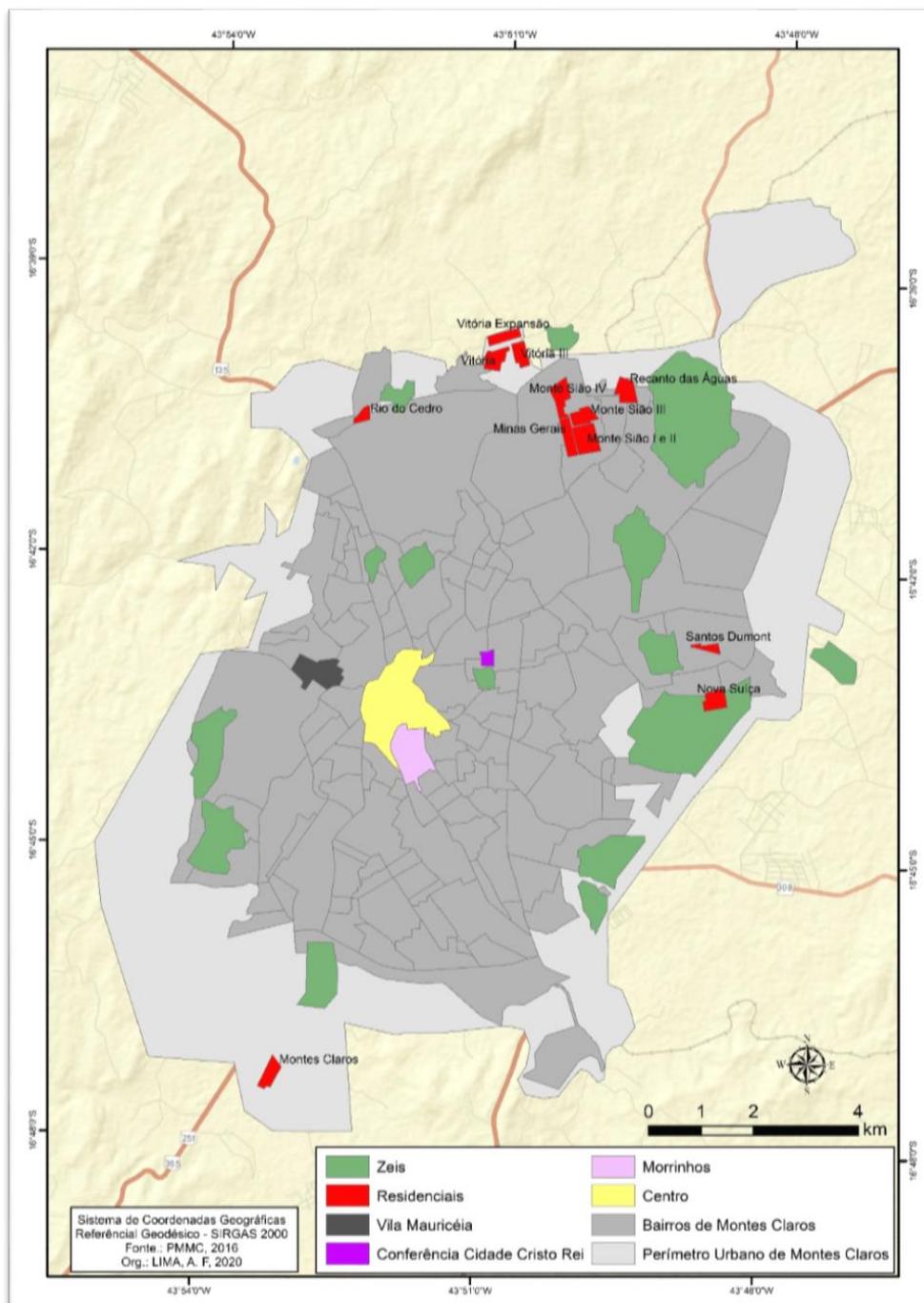
Tabela 01 – Quantitativo de casas construídas e entregues em Montes Claros

Conjuntos Habitacionais	Quantidade de casas	Data de entrega	Bairro
Nova Suíça	498	11/2011	Independência
Santos Dumont	241	04/2012	Independência
Vitória I	499	07/2013	Cidade Industrial
Recanto das águas	500	12/2013	Village do Lago
Monte São I	498	12/2013	Village do Lago
Monte São II	300	01/2014	Village do Lago
Minas Gerais	499	04/2014	Village do Lago
Monte São IV	393	12/2014	Village do Lago
Vitória II	660	05/2016	Cidade Industrial
Montes Claros	499	07/2016	São Geraldo II
Rio do Cedro	266	05/2017	Vila Castelo Branco
Total de moradias entregues	4.851		

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do site da Prefeitura Municipal de Montes Claros

Entretanto, os terrenos onde as habitações de interesse social são construídas em Montes Claros são em sua maioria, localizados nas áreas mais distantes do centro, nas periferias, longe das áreas já consolidadas como urbanas, mesmo havendo nessas áreas urbanizadas significativa quantidade de vazios urbanos. No mapa 1 constam as localizações dos conjuntos habitacionais do PMCMV.

O Conjunto Habitacional Nova Suíça foi o primeiro conjunto do Programa Minha Casa, Minha Vida a ser implementado na cidade de Montes Claros. Localizado a leste da cidade, o conjunto situa-se na região denominada de “Grande Independência”. Trata-se de uma área considerada periférica tanto em seu aspecto físico quanto social, já que se situa em área próxima aos limites do perímetro urbano, ou seja, distante da parte central da cidade, e também porque é uma região com população predominantemente de baixa renda.



Mapa 1: Localização das ZEIS e dos residenciais de HIS no perímetro urbano de Montes Claros.

Praticamente todo o Conjunto Habitacional Nova Suíça é constituído apenas de estabelecimentos residenciais. São ao todo 496 moradias e nenhuma referência de espaços públicos, transformando as ruas naquilo que Le Corbusier denomina de meras “máquinas de circulação”. O único espaço destinado à construção de uma praça no Conjunto está abandonado, coberto pelo mato conforme demonstrado na figura 1.



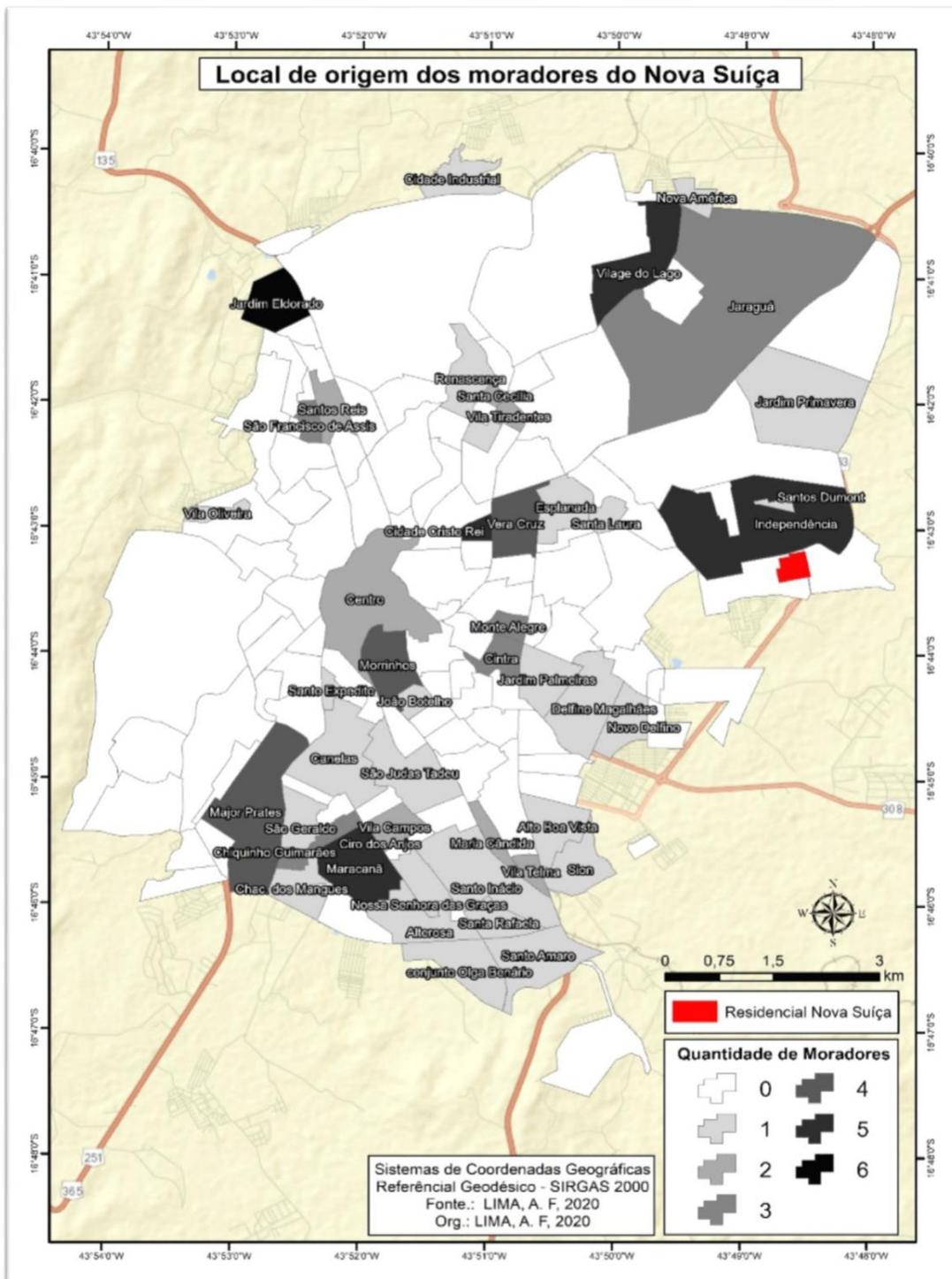
Figura 1 – Espaço destinado à praça no Conjunto Habitacional Nova Suíça
Autor: LIMA, 2019.

Quaisquer estabelecimentos comerciais e equipamentos públicos de que os moradores precisem, os mesmos precisam deslocar-se para o bairro mais próximo, o Independência. Vale ressaltar que os espaços públicos, bem como os centros comerciais e equipamentos públicos quando inseridos nos bairros, são importantes elementos de promoção da sociabilidade. A conversa insere-se como elemento essencial na produção da sociabilidade e é justamente nesses espaços que as pessoas se encontram, conversam e se socializam.

Durante a entrevista os moradores foram questionados sobre o local de origem, sendo que os 98 entrevistados vieram de 47 bairros diferentes. E quando se faz a distribuição de quantidade de moradores provenientes de cada bairro, verifica-se, conforme consta no Mapa 02, que dos 47 bairros, apenas cinco deles registram um número mais expressivo de famílias. Nota-se então que o grupo de pesquisados, em sua grande maioria, é proveniente de bairros distintos já que de todos os 47 bairros, de 25 deles migraram para o conjunto apenas um morador.

Isso demonstra que a possibilidade de conhecidos, parentes e amigos de um mesmo bairro terem sido sorteados para o Conjunto Nova Suíça é bem pequena. Aqueles que foram sorteados são em sua maioria provenientes de bairros diversos. Essa significativa

diversidade é propícia a trazer consigo diferentes costumes, diferentes hábitos que a partir de então passam a coexistir em uma mesma localidade, podendo haver choques culturais ou não entre moradores.



Mapa 2 – Origem da localização de moradores.

Questionados sobre o número de pessoas da família que veio morar no Conjunto a época do sorteio das casas, os dados demonstram que dos 98 entrevistados, 27 afirmaram que vieram três membros da família, sendo, portanto, a maioria dos casos. Em seguida 23 pessoas afirmaram que vieram quatro membros da família para o Conjunto. Estes casos correspondem a pessoas do núcleo familiar, que coabitam na mesma casa. Assim, é provável que, aqueles que ficaram no endereço de origem sejam membros extensos da família, como avós, tios, primos, etc.

As informações que foram obtidas na pergunta seguinte à entrevista ajudam a corroborar essas informações já que quando arguidos se ficaram pessoas da família no bairro de onde vieram, das 98 pessoas entrevistadas, 64 delas disseram ter deixado familiares no endereço antigo.

“Ih! Muita gente. Mais da parte do meu esposo”. (Morador Alameda)

“A família toda. Todo mundo lá”. (Morador Groelândia)

“Sim! Tios, primos, irmãos, mãe”. (Morador Groelândia)

“Tem filha, irmão, neta. A família lá é bem grande”. (Morador Groelândia)

“Várias pessoas”. (Morador Alameda)

“É gente demais”. (Morador Groelândia)

“Da parte do meu esposo ficaram tudo lá”. (Morador Alameda)

Questionados se tinham amizades no endereço antigo, 84 pessoas afirmaram que sim e outras 14 pessoas disseram que não o que representa uma diferença bastante significativa. E quando solicitados a quantificarem o número de amigos no antigo endereço, o discurso na maior parte das vezes foi de que, pela quantidade de pessoas, era até difícil contabilizar.

“Vixe! Era muita. Eu era líder da pastoral. Conhecia todo mundo”. (Morador Alemanha)

“Tinha amizade com todo mundo, eu conhecia todo mundo lá”. (Morador Europa)

“Tinha gente demais. O povo tudo lá do quarteirão gostava de mim”. (Morador Itália)

“Nossa! Várias”.(Morador França)

“Meu Deus! Eu era o cento das atenções lá! Todo mundo gostava de mim lá”. (Morador Espanha)

“Não faço nem ideia de quantas pessoas porque todo mundo lá era amigo”. (Morador Groelândia)

O discurso dos moradores expressa um entusiasmo e saudosismo ao relatarem sobre o convívio no endereço anterior. Expressa também um sentimento de conforto e confiança quanto ao reconhecimento e afinidade com o local e as pessoas com as quais conviviam. Em outras falas, percebe-se que há uma compreensão por parte dos moradores de que o tempo e a convivência são elementos constitutivos dos laços de amizade, uma vez que ao serem questionados se tinham amigos no local as respostas foram:

“Tinha. Eu **cresci lá**”. (Morador Portugal)

“Demais. Tinha doze anos que eu morava lá”. (Morador Inglaterra)

“**Tinha! Toda vida, né?** Que eu morava lá”. (Morador Espanha)

“Sim! Era todo mundo. **Eu nasci lá**”. (Morador Alameda A)

“Eram vizinhos de **muitos anos**. Até hoje quando a gente chega lá é a maior amizade”. (Morador Bélgica)

“Tinha, **fui nascida e criada lá, né!** ”(Morador Portugal)

As respostas dos entrevistados e a entonação na maneira de responder indicam que eles fazem uma associação entre estar morando há muito tempo em um lugar e por isso já ter construídos vínculos de amizade. Essa percepção se coaduna com a definição de Granovetter (1973) sobre a construção dos laços fortes. Para ele, é necessário que haja tempo de conhecimento para que se possa construir a reciprocidade, o investimento emocional, a confidencialidade e assim se estabelecer o vínculo. Nesse sentido, os laços fortes se dão entre parentes, amigos e vizinhos e os laços fracos são aqueles que ocorrem entre conhecidos, quando a aproximação se dá apenas por cordialidade.

Porém, verificar-se-á ao longo dessa pesquisa que no local onde essas famílias foram morar, apesar de já estarem lá há oito, onove anos, os vínculos de amizade construídos são bem menores e os laços de parentesco sofreram distanciamento.

A partir desse reconhecimento dos vínculos de amizade no antigo endereço, posteriormente os moradores foram conduzidos a refletir e relembrar como era morar no antigo endereço.

E as explicações sobre o porquê de considerarem o lugar bom concentraram-se em duas narrativas: a primeira com maior número de discursos se referiu a proximidade com aqueles que eram do convívio como parentes, amigos e vizinhos:

“Era bom porque tinha muitos colegas”. (Morador Alameda A)

“Era bom, pois, tinha amizade com muita gente”. (Morador Portugal)

“Era bom porque como eu morei lá muito tempo, era todo mundo amigo de todo mundo, entendeu? ” (Morador Portugal)

“Era bom que eu estava mais perto de minha família. Aqui tá mais longe um pouco”. (Morador Bélgica)

“Era bom. Eu conhecia todo mundo. Todo mundo me conhecia”. (Morador Espanha)

“Amava morar lá! Tudo ali pertinho. Tinha muita amizade. Lá eu tinha crédito. Fazia notinha pra pagar por mês e todo mundo confiava. Aqui não. Eu to aqui só porque é casa própria”. (Morador Europa)

A segunda narrativa sobre o porquê de ter sido bom morar no endereço anterior refere-se a questão da localização do bairro em relação a outros bairros próximos e em relação ao centro e pelas facilidades em função dessa localização. Muitos relatam que a distância entre o bairro e o centro era bem menor se comparado com o Conjunto Nova Suíça e que por isso era mais fácil, não precisava ter despesas com ônibus, pois era possível se deslocar a pé. Também relatam sobre a localização no próprio bairro que oferecia os recursos bem mais próximos a eles, sejam equipamentos públicos ou comércio em geral. Isso pode ser constatado nas falas dos moradores.

“Era bom demais. Lá parece o centro. Tudo que você procura acha”. (Morador Alameda A)

“Era mais fácil que se você tivesse de descer para o centro você ia. Aqui se você não tem dinheiro você não desce”. (Morador Alameda)

“Também por questão de emprego. Lá você saía a pé para procurar. Aqui tem que pegar ônibus”. (Morador Alameda)

“Maravilhoso. Acesso ao Centro”. (Morador Portugal)

“Era bom. Pra ir ao centro a gente nunca pagava ônibus”. (Morador França)

“Lá era mais fácil em tudo”. (Morador França)

“Gostoso, maravilhoso. Eu nem ia no centro. Lá tem tudo”. (Morador Espanha)

“Ótimo! A vida social era muito melhor. Era tudo pertinho”. (Morador Espanha)

Depreende-se da última fala que parece haver uma relação direta entre a localidade e ocorrência de vida social. É como se a localidade de moradia, por ser mais próxima, seja em relação ao centro, seja em relação aos equipamentos públicos e ao comércio em geral favorecesse a construção de uma vida social, de mais diálogos, de mais convivência e, portanto, mais vínculos. Conforme Joseph (2005, p.111), a sociabilidade efetivamente emerge de encontros públicos, ligados a capacidade de cada sociedade de fazer com que os vínculos sociais ganhem consistência. Assim, estar em uma localidade que oferece mais recursos como praças, ruas arborizadas, centros comerciais; estes espaços são tidos como lugares habitáveis, propícios à comunhão de pessoas e por isso passíveis de se construir ali relações de amizade, laços sociais.

O que se percebeu também é que nas falas, é inevitável os moradores responderem sem estabelecer uma relação entre o endereço anterior e o atual. Muitos compararam no sentido mesmo das relações, da convivência, afirmando que no novo local é bem diferente. Eles expressam o estranhamento sentido nesse novo local, mesmo já passados oito ou nove anos.

“Era melhor do que aqui. Apesar de pagar aluguel”. (Morador França)

“Apesar do aluguel, a estrutura do bairro e as questões sociais são bem diferentes. Aqui há um choque muito grande”. (Morador Itália)

“Era bom que lá conhecia todo mundo lá. Lá a gente conversava mais com o pessoal. Aqui é diferente”. (Morador Espanha)

Todas essas informações demonstram que a maioria desses moradores já tinha vínculos sociais construídos no endereço anterior. Eram laços considerados fortes na compreensão de Granovetter (1973), constituído por parentes e amigos atuando como pontos de confiança e ajuda mútua entre os moradores.

Considerando que os equipamentos públicos disponibilizados em um bairro se constituem como um espaço que promove a interação e a capacidade de desenvolver a sociabilidade, o Conjunto Habitacional Nova Suíça, mesmo sendo um espaço bastante amplo, não dispõe de escola, Cemei, locais de lazer como praça e nem mesmo ruas arborizadas. Somente no ano de 2019 é que foi implantado no Conjunto a Unidade Básica de Saúde.

Os equipamentos comunitários funcionam como locais de socialização. É o espaço que propicia o encontro entre as pessoas e o estabelecimento de vínculos. Nesse sentido, pode-se dizer que os moradores até hoje não contam com esses recursos. Para que possam utilizar tais serviços, é necessário o deslocamento para outro bairro, o Independência, local já sobrecarregado. Os entrevistados relatam que foram alvos até de discriminação nesses locais.

Os equipamentos públicos então disponíveis, por estarem localizados em outro bairro, não representaram para esses moradores um espaço destinado a eles e por isso não se sentiram inseridos no ambiente, não se produziu o sentimento de apego, de pertença tão necessário para o desenvolvimento e consolidação das relações sociais.

Conforme diz Castel (1994, p. 48) as relações humanas não se restringem ao contato local e familiar. Elas se dão também nos espaços de convívio externo como bares, praças, parques, igrejas, associações. E assim, não tendo esses espaços propícios a socialização e ainda, separados do convívio familiar, restam espaços vazios. Não reconhecem nas ruas e nas casas o seu cotidiano, o pilar de suas estruturas de pertencimento.

Nota-se que o bairro também não dispõe de associação de moradores, um elemento que seria relevante para a aproximação social, trazendo uma comunhão em prol dos interesses da comunidade: “É a união que junta mais, né? Mas aqui não tem nem associação de bairro.” (Morador Portugal)

Também os estabelecimentos comerciais são escassos no Conjunto, os moradores precisam se deslocar para o bairro Independência para terem acesso a supermercado, padaria, farmácia, entre outros.

“Não tem um supermercado. Tem que ir lá na avenida”. (Morador Alameda A)

“Falta de comércios por aqui como farmácia, padaria e outros”. (Morador Inglaterra)

“A lotérica que não tem. Pra pagar conta tem que ser lá no centro”. (Morador Alameda A)

Os espaços sociais representados pelos equipamentos comunitários no Conjunto, por não existirem, são assim vazios de elementos que cooperam para a aproximação e convivência entre os moradores.

Observa-se que as dificuldades mencionadas pelos entrevistados se entrecruzam e todas estabelecem uma conexão com a falta de vínculos no novo local. Quando dizem da falta de equipamentos públicos e comércio em geral no bairro, essa falta diz respeito aos elementos necessários para a aproximação e construção de laços entre os moradores. Quando dizem da distância, a mesma está relacionada ao afastamento entre os vínculos deixados no endereço de origem e à dificuldade de acesso aos equipamentos públicos e comércio, o que prejudica também os vínculos e a falta deste dificulta o ingresso no mercado de trabalho. Na fala da moradora “Aqui eu tive que abdicar porque não tinha quem ficava com meus filhos” subentende-se que, no seu endereço antigo, havia parentes ou vizinhos que colaboravam no cuidado com os filhos para que as mães pudessem trabalhar. Diferente da realidade no Conjunto, por não ter ninguém para ficar com os filhos, a alternativa é abdicar do trabalho. Na outra fala do morador da Alameda A: “Falta escola para a criança de dois anos estudar para a mãe trabalhar”. A falta do equipamento público nesse novo local, o Cemei, é também elemento impeditivo para que as mães possam sair para trabalhar. Outra dificuldade mencionada pelos moradores refere-se a questão da vizinhança.

“Pra mim aqui era todo mundo estranho. Me senti isolada. Muito sozinha”. (Morador Alameda A)

“Falta de amizade. Se precisar de alguma coisa aqui vocês não conta com vizinho não”. (Morador Portugal)

“Eu falo com meu marido que se eu ganhasse na mega sena eu sumia daqui”. (Morador Alameda A)

“A gente não tem amizade nenhuma aqui”. (Morador Itália)

“Falta de convivência com os vizinhos”. (Morador França)
“Principalmente os meus filhos. Se envolveram com amizades ruins”. (Morador Europa)

“A dificuldade foi os meninos. Não deixar mexer com coisa errada”. (Morador Groelândia)

As falas dos moradores demonstram a dificuldade quanto à convivência. Para eles, todo mundo era estranho, desconhecido e o medo daquilo que é desconhecido acaba por provocar uma certa repulsa, atuando como um obstáculo a aproximação e construção de vínculos entre os moradores. É mencionado também o sentimento de defesa perante as situações de violência relacionadas ao tráfico de drogas no Conjunto. Moradores relatam o medo que sentem quanto aos filhos conviverem com “amizades ruins”.

Ao serem perguntados se sentiam falta do contato com as pessoas que eram da sua convivência,⁶⁴ entrevistados afirmaram que sim. Alguns atribuem à distância, dizem que por ser distante fica mais difícil manter contato e quando o mantêm, é mais aos finais de semana. Soma-se a isso, as condições financeiras que por dependerem de transporte, nem sempre podem ir.

Quando questionados sobre quais sentimentos lhes sobrevieram em virtude dessa ausência junto àqueles do convívio e dentre as sugestões: Sentiu-se menos seguro? Triste? Mais vulnerável? Menos confiante? Sentiu falta de apoio, de ajuda? A maior parte diz sentir falta de apoio e ajuda. Para eles, os parentes se estivessem próximos poderiam oferecer um apoio ou ajuda quando precisassem como, por exemplo, prestar auxílio no cuidado com os filhos para poderem trabalhar.

“Porque eu tinha criança, não tinha com quem deixar”. (Morador Bélgica)

“Senti falta de ajuda das pessoas que olhavam as crianças para trabalhar”. (Morador Alameda A)

Em seguida está o quantitativo daqueles que se sentiram/sentem tristes em decorrência desse isolamento. São 20 moradores que atribuem a tristeza à falta de alguém para conversar: “Me sentia triste por não ter amizade, não tinha com quem conversar” (Morador Portugal), “Triste porque lá eu tinha mais contato com as pessoas” (Morador Alameda A).

É importante reiterar que esses sentimentos de insegurança, vulnerabilidade e falta de confiança têm a ver com a diversidade de pessoas que, de repente, passam a

habitar um mesmo lugar. Para Wirth, (1967, p.98) os vínculos de parentesco, de urbanidade e os sentimentos característicos da vida em conjunto que tenha perpassado por gerações tendem a desaparecer e/ou se tornar fracos quando são agregados em locais cujos membros têm origens e formação diversas. O fato de não conhecerem as pessoas, de não saberem a origem, crenças e costumes e, ao mesmo tempo, estarem distantes daqueles que poderiam ser o amparo, ocasiona tais sentimentos.

Todas essas informações permitem dizer que se trata de uma localidade em que existem barreiras impeditivas para a construção de sociabilidade e isso é percebido nas falas dos moradores. Vê-se que eles compreendem o “conhecer” como elemento básico para que então se possa estabelecer confiança e se envolver com aquele grupo. A confiança é o elemento que por si só representa uma relação de vínculos sólidos. E os dados que seguem mostram que até hoje essa dificuldade de construir vínculos no Conjunto ainda se mantém.

Essa ausência de espaços de socialização também foi verificada na observação do lugar. Durante as diversas inserções no entorno do Conjunto que se deram ora no turno da manhã, ora à tarde e início da noite, não se viu locais em que pudessem existir práticas sociais como associações de moradores, grupos de ginástica, de recreação, igrejas que pudessem abrigar grupos de jovens. Os relatos dos moradores corroboram essa percepção, confirmando que não há associação de moradores e aqueles que frequentam igrejas, costumam deslocar-se para outros bairros para terem acesso. Isso por si só promove uma dispersão dos moradores no Conjunto, dificultando a aproximação entre si. As poucas interações verificadas no local são os pequenos agrupamentos nas calçadas e a reunião de crianças brincando de bola nas ruas.

A pergunta seguinte direcionada aos entrevistados visava de uma forma mais direta identificar o grau de contato que os moradores têm uns com os outros e se propicia a construção de sociabilidade. Questionados então se eles costumam encontrar e conversar com as pessoas do Conjunto, a maior parte respondeu que sim, mas percebe-se que os encontros e conversas são com os vizinhos mais próximos moradores da mesma rua e mesmo assim, são mais aqueles ritos de cordialidade, de cumprimentar quando a pessoa está passando e conversar sobre trivialidades, mas não algo que revela que os laços são mais estreitados. As falas dos moradores revelam isso:

“As amizades aqui é bom dia boa tarde, boa noite. Quando tem pessoas de vários lugares é meio complicado”. (Morador Alemanha)

“Muito raro, mas somente um bom dia, uma conversa informal sem maiores delongas”. (Morador Itália)

“Sim. Na rua quando passa aqui e a gente está aqui fora”. (Morador Bélgica)

“Converso na calçada. As pessoas passam a gente dá um ei, conversa um pouco”. (Morador Espanha)

“Muito difícil, só os dois vizinhos do lado que a gente fica entre eles, né?” (Morador Bélgica)

“Sim. Quando a gente encontra na rua a gente conversa e tudo, mas é cada um no seu canto”. (Morador Portugal)

E sobre os locais em que eles costumam encontrar e conversar com as pessoas, novamente a maioria diz ser na rua, na calçada e uma pequena parcela diz conversar e encontrar na igreja. Uma moradora reitera “Aqui só tem as ruas e calçadas pra gente sair.” (Morador Alameda A).

Questionados se atualmente no Conjunto eles já construíram vínculos de amizade, a maior parte respondeu que sim, mas com ressalvas, alegando que são poucos e utilizam o termo “colegas”, não “amigos” afirmando que são vínculos ainda de formalidades.

“Amigo entre aspas. É ei e pronto”. (Morador Portugal)

“Conhecidos, amigos não”. (Morador Espanha)

“Mas é só de vizinhança. Ninguém vai na casa do outro não”. (Morador Espanha)

“Já! Bastante. Só colega”. (Morador Bélgica)

“Sim. Mas é mais oi, oi, bom dia!” (Morador Itália)

“Sim. Conhece de vista”. (Morador Groelândia)

São poucos os casos em que os moradores dizem que podem contar ou que se precisarem eles ajudam, ou seja, que se trata de vínculos de amizade já construídos. A grande maioria denomina de “conhecidos”, “colegas”.

No que se refere aos vínculos de amizades, questionados se consideram já terem construído novas relações de amizade, dentre os 98 entrevistados, 60 pessoas consideram

já terem proximidade e vínculo de amizade no local e as outras 38 consideram não ter construídos vínculos de amizade.

Compreende-se assim que a construção de vínculos no Conjunto nesses nove anos, no que se refere a laços de amizade, tem ocorrido, mas de modo comedido, sendo a maior parte das pessoas representadas na visão dos moradores como “conhecidos”.

Arguidos se a mudança para o Conjunto Habitacional Nova Suíça mudou a vida deles, e solicitados a falar sobre as vantagens e desvantagens de estar morando no Conjunto, a maioria dos entrevistados disse que a vida melhorou sim, mas quase todos concordam que melhorou apenas pelo fato de que o imóvel agora é próprio e que agora estarão na casa que é deles, de não precisarem mais pagar aluguel, ou morarem de favor, ou estarem em áreas de risco. Nesse sentido, a maioria concordou que valeu a pena. Como se pode verificar nas falas:

“Temos a casa própria, mas em termos de facilidade que era piorou”. (Morador Alemanha).

“Melhorou na parte do aluguel só. Lá era melhor! ”(Morador Europa)

“A vantagem que é da gente, Né? ”(Morador Bélgica)

“Melhorou porque nós não tinha casa, né! A gente deixa a saudade pra trás, mas nós tem a nossa casa”. (Morador Alameda A)

“Morar no que é seu é muito bom! Essa que é a vantagem”. (Morador Itália)

“A vantagem é que a casa é minha e eu não pago aluguel, mas tirando isso não tem vantagem nenhuma”. (Morador Espanha)

E quanto às desvantagens, as reclamações se distribuem entre a questão da distância, pois como dizem “fica longe de tudo”. Também em relação a conseguir colocação no mercado de trabalho, os entrevistados alegam que no outro bairro conheciam mais pessoas e por isso era mais fácil conseguir “emprego”. Queixam-se de não ter ninguém com quem possam contar e também da falta de equipamentos públicos como escola e praças, além do problema da violência.

Por fim, a última pergunta dirigida aos moradores a fim de avaliar a satisfação em permanecerem no Conjunto Habitacional Nova Suíça resultou em uma divisão. Questionados se já haviam pensado em se mudar do Conjunto, mais da metade dos

entrevistados, 50 moradores foram afirmativos e muitos até enfáticos dizendo sim, que têm o desejo de se mudar do bairro e os outros 48 moradores, quase metade, disseram não.

Aqueles que estão dispostos a se mudar do bairro alegaram os mesmos motivos que já foram discutidos aqui. A questão da violência, da distância, da vizinhança, da falta de equipamentos públicos e de comércio e também a distância dos familiares.

“Meu sonho é mudar daqui”. (Morador Alemanha)

“Porque aqui a gente fica muito isolado pelo fato de não conhecer ninguém”. (Morador Portugal)

“Pra ficar mais perto dos meus filhos. Eu tinha meu lugarzinho lá. Eu gostava do meu lugarzinho lá”. (Morador Espanha)

“Voltar pra lá porque ali tudo a região é boa. Ali tudo os vizinhos, os amigos é um pelo outro”. (Morador Alameda A)

Mas o que chamou atenção foi o fato de que, dentre aqueles que têm o desejo de se mudar, ou seja, 50 pessoas, ao serem questionados para onde eles iriam se pudessem se mudar, a maioria (24) disse que voltaria para o endereço anterior.

Os que disseram não ter interesse em se mudar que representou também quase a metade dos entrevistados, nesse caso, uma parcela significativa, 48 moradores. Estes dizem não ter interesse em se mudar, ora porque conquistaram a casa própria, ora porque dizem ter se acostumado ao local: “Porque eu nunca tive casa e aqui eu tive oportunidade de ter” (Morador Europa). “Apesar de gostar de onde eu morava, gosto daqui, agora é meu lar” (Morador Alameda A). Alguns até expressam que apesar de estar distante dos parentes, ter a casa própria vem em primeiro lugar: “Melhorou porque nós não tinha casa, né! A gente deixa a saudade pra trás, mas nós tem a nossa casa. (Morador Alameda A).

Diante do exposto, verificou-se que muitos moradores gostariam de morar próximo dos familiares. Isso demonstra o quanto os laços sociais são condicionantes quanto a decisão de morar ou não em uma dada localidade. É a partir dos vínculos consolidados, quando estão presentes o amparo e a confiança entre os conviveres, é que um pode servir de esteio para o outro e então surge a necessidade e o desejo de permanecer ali, junto a rede de ajuda mútua. Vale lembrar que os bairros de origem, muitas vezes, apresentam as mesmas dificuldades que são relatadas pelos moradores no Nova Suíça. Principalmente no que se refere a violência e ao tráfico de drogas. Mas é como se a força empreendida pelos laços entre as pessoas sobrepusesse a essas outras dificuldades.

Considerações finais

Os conjuntos habitacionais de interesse social são construídos em larga escala, geralmente nos terrenos mais distantes dos centros, ocupando as bordas da cidade e desencadeando uma série de entraves na vida dos moradores. Essas frações implicam em deslocamento, em uma infinidade de quebras de laços sociais sedimentados no endereço de origem dos moradores, provocando grandes transformações no modo de vida, inviabilizando a continuidade de uma dinâmica específica e impelindo esses moradores a terem que lidar com novos espaços da vizinhança, da casa.

Nesse sentido, apesar de o Estado estar garantindo a conquista da casa própria, há a dificuldade de quantificar e estabelecer o valor para determinadas coisas como a relação de anos com parentes e vizinhos que, ao serem inviabilizadas, culminam na perda de referências culturais e simbólicas ligadas aquele espaço específico. A casa se estende para além da habitação e, portanto, ter que se desapegar de um lugar onde se viveu por anos abre-se um processo de construir espacialmente uma nova casa, ou mais precisamente, um novo lar.

Nesse novo espaço, como foi evidenciado no Conjunto Habitacional Nova Suíça, os moradores ainda precisam enfrentar dificuldades que acirram ainda mais o distanciamento entre os amigos e familiares deixados no antigo endereço, já que os conjuntos habitacionais estão em locais mais afastados do centro da cidade. Longe das áreas mais centrais e na maior parte das vezes, mais distantes ainda dos bairros de onde vieram, os moradores relatam que pela distância, sempre dependem de ônibus para se deslocar e nem sempre têm condições de arcar com os custos da passagem.

A ausência de equipamentos públicos no novo local de moradia também representa um entrave para a construção de novos laços de amizade entre os moradores. O Conjunto Habitacional Nova Suíça em toda a sua extensão é constituído por um aglomerado de casas. O conjunto habitacional não dispõe de comércios, hospitais, escolas, praças, parques, creches, associação de moradores, elementos estes que são espaços do encontro, da conversa, da convivência e da partilha e, por isso, essenciais para a construção de sociabilidade. Portanto, carece de espaços públicos que promovam a convivência local e, apesar de já contar com nove anos de implantação, mostra-se destituído das expressões simbólicas de identidade de grupo.

Há no bairro uma estigmatização velada. Como a grande maioria dos moradores são advindos de bairros diversos, há uma diversidade social bem expressiva que causa “estranhamento” entre os moradores por aquilo que para eles é “diferente” desencadeando assim uma certa repulsa para com a vizinhança e acirrando-se ainda mais em virtude da violência e tráfico de drogas presente no bairro. Também essa estigmatização torna-se um elemento dificultador para a aproximação, a convivência e possível formação de vínculos.

Longe daqueles que outrora representava para esses moradores um ponto de apoio e com quem “podiam contar”, diversas dificuldades surgem como: abdicar do trabalho por não ter com quem deixar os filhos, a dificuldade de encontrar trabalho por não ter uma rede de amigos que possam colaborar nesse sentido, ter que se manter mais dentro de casa como proteção contra a violência, e a distância em relação aos equipamentos comunitários, pois precisam deslocar-se até o bairro mais próximo para serem atendidos.

Por tudo isso, os moradores sentem-se afetados por estados psicológicos diversos, tais como: medo, desconfiança, falta de apoio e de ajuda, sensação de isolamento, falta de pertença ao local em que vivem.

Nessa enseada, as políticas públicas habitacionais vigentes demonstram-se incapazes de enfrentar essas estratificações expressas no espaço. Qual a possibilidade que os órgãos governamentais têm de pensar em construções habitacionais que mantenham os moradores próximos ao local de origem, preservando a manutenção dos vínculos? Que ações concretas deverão ser implementadas para que os conjuntos habitacionais sejam edificadas em áreas mais urbanizadas e de fácil acesso? Fazem-se necessários maiores reflexões e debates sobre todas as nuances que envolvem os percalços dos deslocamentos para conjuntos habitacionais, tendo um olhar sobre o aspecto social dessa transmutação do espaço e levando em conta que a cultura como processo de identificação comunitária é componente essencial do sentimento de comunidade, do sentir-se membro de um determinado grupo, de participar de um projeto concreto de vida que estimule a sociabilidade, o capital social e o desenvolvimento socioeconômico dessas famílias.

Referências

AGULHON, M. *La sociabilité méridionale* (Confréries et associations dans la vie collective en Provence orientale à la fin du XVIIIe siècle), 2 vols., Aix-en-Provence, La

Pensée Universitaire, 1966. A reedição de 1968: Pénitents et franc-maçons de l'ancienne Provence. Essai sur la sociabilité méridionale, Paris, Fayard, 1968.

BRASIL. Ministério das cidades. *Secretaria Nacional de Habitação*. Brasília, 2016.

CASTEL, R. *Da indigência a exclusão, a desfiliação*. Saúde e Loucura, Grupos e coletivos. Ed. HUCITEC, nº04. 1994, p. 21-48. Disponível em <<http://normativos.confea.org.br/downloads/anexo/1108-10.pdf>>. Acesso em 12 de maio de 2019.

DURKHEIM, É. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRANOVETTER, M.S. The strenghtofwerakties. *American journal of sociology*, v.78, n.6, p. 1360-1380, 1973.

GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JOSEPH, I. "A respeito do bom uso da Escola de Chicago". In: VALLADARES, L. P. (org.), *A Escola de Chicago: Impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2005.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

MAGNANI, J. G. C.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17 n. 49, 2002.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WELLMAN, B. Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 25, n. 22, p. 227-252, Feb., 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2427.00309> Acesso em: 09 jul. 2019.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.